



## **PROJETO REPÓRTER NA ESCOLA UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCOMUNICAÇÃO**

**Mônica Pegurer Caprino**

**Arlete Prieto dos Santos**

Universidade Metodista de São Paulo

**Resumo:** O Projeto Repórter na Escola é uma experiência de Educomunicação implantada por um grupo de professores e alunos das Faculdades de Jornalismo e Relações Públicas e Educação e Letras da Universidade Metodista de São Paulo. O objetivo do projeto – realizado desde o ano 2000 - é trabalhar com o jornal em salas de aula de quartas séries em escolas da rede pública. As atividades incluem a produção de um jornal para as escolas, workshops de capacitação para professores da rede pública e oficinas para alunos voltadas à realização de veículos de comunicação. O paper narra essa experiência e procura refletir sobre a interface entre o mundo da Comunicação e da Educação. O princípio que norteou o trabalho foi o de que é possível colocar jornalismo a serviço da construção da cidadania e que os meios de comunicação podem contribuir para a melhoria das práticas pedagógicas no ensino fundamental.

**Palavras-chaves:** Jornal na Escola, Educomunicação, Jornalismo Cidadão.



## Introdução

O jornalismo é um serviço público cuja função é permitir o acesso das pessoas em geral aos fatos e idéias de seu tempo. É também uma forma de conhecimento: traduz linguagens especializadas para uma língua comum; tomando como referência o que acontece, permite confrontar versões e formar juízos individuais. (Nilson Lage)<sup>1</sup>

Um dos temas mais discutidos no jornalismo – ao lado da pretendida objetividade e neutralidade das notícias - tem sido, em todos os tempos, a função social dessa forma de comunicação. Enquanto alguns defendem o exercício de um jornalismo socialmente engajado, principalmente nos chamados países em desenvolvimento, outros - tomados pela visão “apocalíptica” descrita por Umberto Eco<sup>2</sup> - descrevem o jornalismo como atividade que se restringe a produzir um tipo próprio de mercadoria: a notícia.

A par dessa discussão teórica, porém, é inegável a importância do jornal como veículo de comunicação. Entretanto, ao mesmo tempo em que a Internet avança como meio de comunicação do século 21, convivemos no Brasil com taxa de analfabetismo que chega a 14% da população com mais de 15 anos<sup>3</sup>. Sem falar da falta de hábito de leitura entre os alfabetizados. Em todo país, circulam pouco menos de 8 milhões de exemplares de jornais diariamente. A tiragem de todos os diários do Brasil somada ainda está aquém da tiragem de um único jornal inglês.

Dessa forma, ainda é imprescindível fazer o jornal impresso ampliar seu público, tornando-o inclusive porta de entrada de um mundo de informações que está à disposição nos mais diferentes meios. Pela sua linguagem própria de concisão, clareza e simplicidade, o jornal impresso também pode fornecer com sucesso o mais diferente tipo de informação àqueles que trabalham com o mundo do texto escrito, especialmente a escola.

Muitas vezes, o aluno do ensino fundamental só tem contato com a linguagem escrita por meio do livro, seja didático ou literário. Por utilizar primordialmente a linguagem erudita, o livro nem sempre estimula na criança e no pré-adolescente o gosto pela leitura. Assim, a

---

<sup>1</sup> LAGE, Nilson. **O jornalismo na era da razão delirante**. UFSC, 2002 .

<sup>2</sup> ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo, Perspectiva, 1979. 386p

<sup>3</sup> Dados do Censo do IBGE-2000.



televisão acaba sendo hoje um dos únicos meios de comunicação a entrar nas casas de boa parte da população, que fica à margem da leitura de jornais.

Por esses motivos, o jornal pode vir a ser um importante instrumento do ponto de vista educacional, levando informações aos estudantes, incentivando seu ingresso no mundo da informação por outros meios além da TV. Para isso, é importante também que esse leitor tenha uma visão crítica do processo de comunicação e se inter-relacione com o jornal, podendo, inclusive, em alguns momentos, funcionar como produtor da notícia. O ideal é fazer com que o estudante tome contato com o jornal, como leitor, fonte e produtor de informação.

Nesse contato com o mundo do jornal passa a ser primordial também discutir as formas de fazer jornalismo, mostrando ao estudante que a concepção da grande mídia não é a única possível, que o jornalismo não precisa viver apenas às custas do denunciamento ou das más notícias. O jornalismo pode e deve ser uma forma de cidadania.

A Universidade pode ter um papel fundamental no incentivo à leitura do jornal impresso, bem como incrementar nos estudantes de ensino fundamental um posicionamento crítico não só frente aos assuntos da Comunicação mas em relação a diversos temas da sociedade.

A partir desse contexto, professores da Universidade Metodista de São Paulo elaboraram no ano 2000 um projeto de extensão denominado “Repórter na Escola”, com a participação de professores e alunos da Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas e da Faculdade de Pedagogia e Letras.

## **1. Jornal na sala de aula**

Levar o jornal para a sala de aula tem sido uma iniciativa comum a vários países e mais antiga do que podemos supor. Na Noruega, foram encontrados artigos de jornais do começo do século falando sobre revolucionários métodos de ensino com o uso de jornal. Na Espanha, em fins do século XIX, discutia-se a introdução do jornal na escola em lugar da obrigatoriedade da leitura de Cervantes. Nos Estados Unidos, em 1932, o New York Times



iniciou seu programa de jornal na educação, sendo reconhecido como marco na história destas iniciativas, através da distribuição de suas edições nas escolas<sup>4</sup>.

Outro exemplo da utilização do jornal na escola vem de Celestin Freinet, em seu *Jornal escolar*, onde já no começo do século XX, desenvolvia com seus alunos suas técnicas para o jornal, que consistia em recolher textos livres diariamente, agrupados, numa encadernação especial mensal, para os assinantes<sup>5</sup>. Ao incentivar seus alunos à reflexão e à expressão de idéias, à espontaneidade e à iniciativa, Freinet criava um ambiente favorável, de motivação e cooperação. Ele acreditava que ao desenvolver em seus alunos o potencial do pensamento e o desejo de exteriorizar este pensamento, ajudava o educando a situar-se no mundo, a trabalhar os sentimentos e desenvolver a socialização. Processo o mais educativo possível, segundo ele.

Estas técnicas foram também desenvolvidas no Brasil em iniciativas isoladas na década de 70. Na época, a experimentação era inovadora: influenciada pela obra de McLuhan, a Secretaria de Educação de São Paulo introduziu, em suas diretrizes curriculares, a produção de jornais, o que continuou nas décadas de 80 e 90, mantendo programas funcionando até hoje em vários estados brasileiros<sup>6</sup>.

Embora inicialmente associado ao ensino de Língua Portuguesa, o jornal tornou-se hoje um importante instrumento de caráter interdisciplinar, pois registra informações referentes às mais diversas áreas do conhecimento. Como veículo formador de opinião, oferece uma leitura crítica sobre fatos atuais que devem e precisam ser discutidos em diferentes disciplinas, contribuindo assim para a formação intelectual e cultural dos alunos.

Atualmente, diversos projetos são colocados em prática no País, reforçando não só a presença do jornal em sala de aula como também estimulando os alunos a criarem seus próprios veículos de comunicação, transformando a informação jornalística em conhecimento e conteúdo educacional.

A presença do jornal em sala de aula vai além. Aproxima dois mundos que precisam estar interligados: da Comunicação e da Educação. Segundo o professor Ismar de Oliveira Soares, da Universidade de São Paulo, “a inter-relação entre a Comunicação Social e a Educação ganhou densidade própria e se afigura, hoje, como um campo de intervenção social

---

4 AIDAR, Flávia. «O jornal como instrumento pedagógico». Revista Comunicação e Educação, ECA/USP e Editora Segmento

5 FREINET, Celestin. **O jornal escolar**. Lisboa: Estampa, 1976.

6 JIUIM, Jorge Kanehide. «Jornal escolar: inter-relação criativa». Revista Comunicação e Educação, ECA/USP, Ed. Segmento.



específico”. Existe, hoje, um espaço de trabalho diferenciado que poderá ser ocupado por um novo profissional, chamado pelo estudioso de "educador".<sup>7</sup>

A idéia de transdisciplinaridade e de uma nova área de atuação está contida no projeto Repórter na Escola, que visa integrar comunicadores e educadores em trabalhos conjuntos.

## **2. O Projeto Repórter na Escola**

O projeto Repórter na Escola – proposta de um jornalismo voltado à educação e cidadania - é uma iniciativa da Universidade Metodista de São Paulo, envolvendo os cursos de Jornalismo e Pedagogia da instituição. Envolve professores e alunos das duas áreas na elaboração e utilização do jornal impresso em escolas da rede pública de ensino fundamental.

O projeto pretende que o jornal em sala de aula – enquanto objeto ou como produção - transcenda o caráter técnico (metodológico) para tornar-se produto de cultura, possibilitando aos alunos a participação e a criação de um meio de informação e comunicação. O objetivo é a formação de indivíduos críticos e capazes de desenvolver uma ação transformadora no meio em que vivem. Para que isso aconteça, o projeto inclui o intercâmbio de experiências entre alunos e professores das várias escolas envolvidas, inclusive de municípios diferentes.

“Repórter na Escola” trabalha com a idéia não só de aproveitamento do jornal em sala de aula, como fazem os veículos da grande mídia, mas de produção – por parte dos alunos de Jornalismo da Umesp - de um jornal voltado especificamente para o público escolar e que possa estimular a idealização de veículos próprios nas escolas.

O projeto inclui, além da produção do jornal “Repórter na Escola” – um tablóide de 12 páginas distribuído mensalmente às escolas - atividades de discussão e reflexão sobre a utilização do jornal como fonte de informação, aprendizado e material paradidático em sala de aula. Para tanto, há uma equipe de estagiários de Pedagogia, que atuam junto às escolas, sob orientação docente.

O projeto “Repórter na Escola” trabalha diversos objetivos com os diferentes grupos envolvidos. Para os alunos da Umesp, oferece novas práticas profissionais dentro do curso, aliadas à perspectiva de inserção na comunidade e exercício da cidadania. Promove, também, conceitos de Comunicação e Educação voltados para o desenvolvimento e inserção social.

---

<sup>7</sup> Informações do site do Núcleo de Comunicação e Educação da USP.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação Educativa**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Desenvolve, ainda, habilidades profissionais, respectivamente nos cursos de Jornalismo e Pedagogia, de exercício jornalístico nas áreas de reportagem e redação e de orientação pedagógica junto aos professores do ensino fundamental, acompanhando a utilização do material em sala de aula.

Para os professores do ensino fundamental, o objetivo é oferecer material didático-pedagógico complementar, principalmente sobre os temas transversais; ampliar as perspectivas de abordagem e utilização dos diferentes meios de comunicação em sala de aula; além de fornecer informações diversificadas sobre metodologias e práticas pedagógicas para capacitação profissional e reciclagem permanente.

Também há objetivos a serem atingidos junto aos alunos do ensino fundamental:

- Desenvolver a habilidade da comunicação e expressão escrita e oral.
- Utilizar diferentes materiais sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula.
- Valorizar o trabalho em grupo, tornando os alunos capazes de ação crítica e cooperativa para a construção do conhecimento.
- Utilizar diferentes linguagens – verbal, gráfica, plástica - como meio para produzir, expressar e comunicar idéias.
- Construir conhecimentos, desenvolvendo a auto-estima, facilitando a aquisição do aprendizado.
- Contribuir para a formação de uma pessoa crítica e com habilidades para o exercício da cidadania.
- Incentivar a pesquisa e coleta de informações para produzir e ampliar seus conhecimentos.
- Criar o hábito de leitura de jornais, como fonte de informação e pesquisa.
- Fazer circular a informação entre as escolas e comunidade escolar, possibilitando troca de experiências positivas em termos de ensino e exercício da cidadania.
- Tornar o aluno da rede pública fonte de informação para um veículo jornalístico, aproximando-o do mundo da Comunicação.
- Oferecer informações e orientações para confecção de veículos de comunicação escolar.



O projeto Repórter na Escola trabalha com a idéia não só de aproveitamento do jornal em sala de aula, como fazem veículos da grande mídia, mas de produção – por parte dos alunos de Jornalismo da Umesp - de um jornal voltado especificamente para o público escolar e que possa incentivar a produção de veículos próprios nas escolas.

Compõem o projeto as seguintes atividades:

### **2.1. Jornal Repórter na Escola**

Produzido pelos alunos do curso de Jornalismo da Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas da Umesp, com orientação e supervisão de professores do curso, o Repórter na Escola é um jornal tablóide (de fácil manuseio), colorido na capa, contra-capas e páginas centrais, voltado aos alunos na faixa etária de 10 a 11 anos, cursando quartas séries do Ensino Fundamental.

O jornal – distribuído gratuitamente - tem periodicidade mensal e tiragem de 6 mil exemplares. É produzido por alunos de Jornalismo, que trabalham voluntariamente como repórteres junto às escolas. Ali, buscam noticiário e relato de experiências, dando ênfase às pautas voltadas a iniciativas de cidadania, participação dos pais e alunos em atividades da escola e eventos que promovam a integração da comunidade escolar.

O jornal inclui dois tipos básicos de conteúdo: matérias aprofundadas sobre os mais diversos assuntos, principalmente aqueles ligados aos Temas Transversais (do Parâmetros Curriculares Nacionais/MEC), além de datas comemorativas e problemas em pauta na sociedade, para levar ao aluno informação atualizada e que permita discussão e reflexão em várias disciplinas. Noticiário e relato de experiências sobre as escolas envolvidas no projeto, destacando-se as pautas voltadas a iniciativas de cidadania, participação na escola e eventos que promovam a integração da comunidade escolar.

Alunos de Jornalismo produzem reportagens e textos, sob supervisão editorial dos professores de Jornalismo, com assessoria didática dos professores de Pedagogia. O jornal será produzido graficamente na Umesp e enviado para impressão em gráfica terceirizada. O conteúdo do jornal é trabalhado nas salas de quartas séries, com acompanhamento dos estagiários do curso de Pedagogia, sob supervisão docente da Faculdade de Educação e Letras da Umesp.



## **2.2. Oficinas**

O projeto prevê a realização de oficinas (em duas modalidades), oferecidas por professores e estagiários do curso de Jornalismo da Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas e do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação e Letras da UMESP. São Oficinas de Jornalismo, com o objetivo de oferecer uma visão crítica sobre os meios de comunicação, estimular o uso dos veículos de comunicação, principalmente jornais e revistas como material didático e pedagógico e a produção de publicações próprias, como exercício a ser desenvolvido em atividades extracurriculares. Também visa oferecer informações básicas sobre a criação e manutenção de veículos de comunicação interna, voltados não só para a integração da comunidade escolar como também da comunidade onde a escola está inserida.

A outra modalidade seriam as oficinas sobre a utilização de jornal em sala de aula, com o objetivo de proporcionar aos professores uma capacitação para a utilização do jornal como veículo.

## **2.3. Supervisão de veículos**

Como terceira etapa do projeto está a supervisão da elaboração de veículos específicos em cada escola, que podem se caracterizar, por exemplo, na forma de jornal mural. O projeto pretende que professores e alunos transformem-se em sujeitos da comunicação, passando a contar as histórias de sua comunidade.

A atividade é realizada com professores e alunos da rede pública (das escolas envolvidas no projeto) que se tornam, também, multiplicadores junto aos demais integrantes da comunidade escolar.

## **3. Implantação – 2000/2002**

O projeto Repórter na Escola teve início no ano de 2000, em uma parceria firmada entre Universidade Metodista de São Paulo, Conselho Tutelar de São Bernardo e Rhodia Engineering Plastics. A primeira proposta era trabalhar com escolas estaduais, mas a Diretoria Regional de Ensino acabou se retirando da parceria, por temer uso político do projeto em ano



eleitoral. A participação do Conselho Tutelar era no sentido de apoiar a circulação de informações para a formação do cidadão. O Conselho havia feito uma pesquisa, em 1999, com alunos da rede pública e constatado que mais de 90% dos alunos manifestavam o desejo de que suas aulas fossem mais dinâmicas, com utilização de outros recursos didáticos, além dos tradicionais.

Dessa forma, o presidente do Conselho Tutelar de São Bernardo procurou a Universidade Metodista para desenvolvimento de atividades conjuntas nas escolas. Como a Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas já planejava um projeto de jornal em escolas públicas, foi firmada a parceria.

Antes da saída da Diretoria Regional de Ensino do projeto, já haviam sido escolhidas seis escolas estaduais de São Bernardo para participarem. Foram: EE André Ferreira (bairro Ferrazópolis); EE Ayrton Senna (Bairro Terra Nova II); EE Francisco Emídio (Bairro Demarchi); EE Maria Terezinha Besana (Jardim Farina); EE Janete Mally Simões (enviou mensagem à sua rede e as escolas interessadas se voluntariaram para o trabalho. Todas foram visitadas pela equipe do projeto (professores e alunos da Metodista). Apesar do entusiasmo de diretores, a equipe do Projeto “Repórter na Escola” encontrou dificuldades no trabalho com os professores. Alguns acabam vendo, nessas iniciativas, somente mais um trabalho a ser cumprido. Na visita inicial, foram levantados alguns assuntos que poderiam ser pauta para o jornal e os repórteres (alunos de jornalismo) retornaram posteriormente às escolas para a produção de matérias.

Em 2000, foram publicados dois números do jornal Repórter na Escola mas as outras fases não puderam ser implantadas. Novas parcerias foram fechadas para 2001. A Rhodia permaneceu patrocinando o projeto, e se responsabilizou pelo custo da impressão. Agregou-se o apoio da Associação de Nacional de Política e Administração na Educação – ANPAE e o projeto se voltou ao ensino municipal, onde se encontrou maior aceitação e abertura para atuação dos alunos.

Em 2001, após um primeiro semestre de negociações com secretarias da Educação e patrocinadores, o projeto retomou de fato suas atividades em agosto. Foram direcionadas para as escolas da Rede Municipal de São Bernardo. Foi estabelecido contato com a Secretaria de Educação, que concordou com a realização em escolas do município. Foram sorteadas cinco escolas entre as interessas em participar do projeto: EMEB Professor Salvador Gori, EMEB



Fiorente Elena, EMEB Gofredo da Silva Telles e EMEB do Jardim Tupã e EMEB Mario Martins. Também participou, em 2001, uma única escola de ensino fundamental municipalizada de Mauá: EMEB Cora Coralina. Foram publicados dois números do jornal “Repórter na Escola” no segundo semestre de 2001.

A experiência com uma escola de Mauá, realizada em 2001, foi abandonada em 2002 devido à falta de verbas para o deslocamento dos repórteres. Em 2002, a Associação Nacional de Política e Administração da Educação- ANPAE não mais apoiou o projeto por considerar que o público-alvo da entidade são os gestores na educação. Apesar disso, avaliou positivamente o projeto mas decidiu lançar um jornal próprio.

Em reunião realizada em 19 de março de 2002 com as equipes das escolas de São Bernardo selecionadas no ano de 2001 e equipe do Departamento de Educação e Cultura foram re-avaliadas as ações e encaminhamentos do projeto para reestruturação do mesmo, no ano em questão. A EMEB Mário Martins sofreu um remanejamento em sua equipe de professores e optou por não participar do projeto neste ano sendo substituída pela EMEB Maria José Mattar Jorge. As outras escolas continuaram no projeto. Em 2002, o trabalho foi realizado em 24 salas de aula entre as cinco escolas, que trabalharam os três números do jornal “Repórter na Escola” publicados.

O trabalho com as oficinas teve início em 2001, com um workshop oferecido a professores da rede municipal de Mauá, discutindo a influência da mídia na sociedade, os processos de produção nos meios de comunicação e as possibilidades de se trabalhar o jornal na escola.

Em 2002, 37 professores da rede municipal de São Bernardo participaram de workshop de 16h/a sobre comunicação, jornalismo e o uso do jornal na escola. Foi desenvolvida uma oficina sobre o jornal e sua utilização na Educação para professoras da Rede Municipal, as equipes pedagógicas das escolas envolvidas no projeto e as estagiárias do curso de Pedagogia .

Foram trabalhadas as seguintes temáticas:

- o que é um jornal
- comunicação e informação
- linguagem, comunicação e educação
- jornal na escola



- confecção de jornal mural

As oficinas se desenvolveram em uma parte teórica para fundamentação e discussão e também uma parte prática de elaboração de atividades ligadas ao jornal.

A oficina aconteceu na Universidade Metodista em o material utilizado encontra-se em anexo. Além do material de apresentação, os profs. do Projeto Repórter na escola também produziram uma pequena apostila para os participantes, que foi encaminhada à Secretaria de Educação e Cultura de São Bernardo do Campo.

Para 2002, os professores envolvidos no Projeto Repórter na escola haviam traçado como meta a implantação da última fase prevista para o projeto, de confecção e supervisão de veículos de comunicação nas escolas.

Para isso, os alunos de jornalismo receberam treinamento específico no segundo semestre. Também houve o planejamento e preparação da ação na Universidade, com materiais simples que pudessem ser elaborados pelos alunos. Assim, formatou-se uma espécie de jornal mural em Power Point, recurso existente nos laboratórios das escolas municipais.

A EMEB Mattar Jorge foi escolhida como piloto para a experiência, que inclui alunos de Jornalismo e Pedagogia, sob supervisão dos profs. da Umesp. A ação aconteceu durante uma semana, com intervenções em todas as manhãs. Foi escolhida uma classe de terceira série.

Os alunos receberam informações sobre a elaboração de um jornal, receberam crachás de repórteres e participaram de toda a produção. Redigiram pautas, entrevistaram, escreveram matérias e fizeram fotos (foi levada uma máquina digital da Universidade).

O jornal mural foi exposto em reunião de pais na escola e o processo foi bastante positivo, indicando que esse tipo de oficina poderá vir a ser, inclusive, a principal atividade do Projeto Repórter na Escola.

#### **4. Jornalismo crítico**

Um das características importantes do projeto “Repórter na Escola” é produzir uma forma crítica de jornalismo, enfatizando a reflexão, tanto por parte dos alunos-jornalistas quanto pelos consumidores da notícia, o aluno do ensino fundamental. As pautas foram



sempre escolhidas tendo-se a preocupação de enfatizar eventos ou atividades nas escolas envolvidas que pudessem servir de modelo positivo para os leitores e, ao mesmo, permitissem o intercâmbio de informações entre escolas e seus alunos.

Algumas pautas também permitiram maior aproximação entre alunos e professores. Matéria publicada com destaque mostrava depoimentos de professores e coordenadores das cinco escolas envolvidas falando de suas travessuras quando crianças. A reportagem fez enorme sucesso entre as crianças pois mostrou que o professor e o diretor também já foram iguais a eles.

Os temas das matérias especiais foram escolhidos levando-se em conta alguns critérios: que estivessem “encaixados” nos Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais e suscitassem discussões em sala de aula, permitindo seu aprofundamento. Para isso, as matérias foram apresentadas não como uma forma fechada, mas incluindo sempre perguntas, questões, procurando induzir o aluno/leitor a que pesquisasse mais sobre o tema e pudesse discuti-lo em sala, com colegas e professor.

Assim, foram escolhidas as seguintes temáticas para os jornais (sempre com uma indagação na chamada de capa, na tentativa de sugerir uma resposta a ser trabalhada em sala):

- n.1 – Desenhos animados japoneses – Porque gostamos tanto deles?
- n.2 – Novo milênio – Onde encontraremos um mundo melhor? (sobre meio ambiente)
- n. 3 – Crise – Alguém ainda tem energia? (sobre a crise de energia e apagão)
- n. 4 – Do que o mundo precisa? (sobre diversidade cultural e preconceito, saiu logo após o atentado de 11 de setembro).
- n.5 - Você conhece os problemas da má alimentação? (sobre obesidade infantil, desnutrição e hábitos alimentares)
- n. 6 – Televisão: você também olha pelo buraco da fechadura (sobre os reality shows, em pleno auge do primeiro Big Brother Brasil e Casa dos Artistas)
- n. 7 – Meninos e meninas – existe uma competição? (papéis sexuais, namoro na pré-adolescência)

Quase 20 alunos de Jornalismo da Universidade Metodista participaram, nesses dois anos e meio, voluntariamente do “Repórter na Escola”, em uma atividade extra-curricular que realizam com empenho e prazer. Esses alunos foram distribuídos entre as escolas, percorrendo-as periodicamente a fim de produzir pequenas reportagens sobre os eventos ali



acontecidos. Para alguns, é o contato com uma realidade bastante diferente da que conhecem em seu cotidiano. Para outros, uma oportunidade de exercitar a tão falada função social do jornalismo. São, em sua maioria, alunos dos dois primeiros anos do curso, que driblam a relativa falta de experiência com muita responsabilidade diante do que estão fazendo. Vão às escolas, falam com alunos, professores e contam as experiências que ali se desenvolvem a outras crianças, procurando sempre valorizar a “boa notícia”, o exemplo de cidadania a ser seguido. Querem mostrar que o jornalismo pode e deve, acima de tudo, ser útil à sociedade.

Alunos, também voluntários, que estão em semestres mais adiantados do curso (em geral quinto ou sexto), se responsabilizaram pela pautas especiais entrevistando, algumas vezes, especialistas, médicos, psicólogos, críticos de TV, etc, para levar aos alunos do ensino fundamental informações que nem sempre estão nos livros didáticos.

Para complementar o trabalho da equipe de jornalismo, estagiárias do curso de Pedagogia acompanharam a utilização desse jornal em sala de aula. Inicialmente, fizeram o manuseio do jornal, explorando-o como um todo e tomando contato com a temática da edição. Foi proposto o mesmo com as crianças. Os temas de cada jornal foram discutidos em sala, propondo-se debates e pesquisas complementares.

Um dos aspectos propostos – e que teve um retorno positivo – foi o trabalho de reconhecimento da identidade da criança no jornal. As crianças deveriam procurar, nas reportagens sobre as escolas, a de sua própria, e a partir daí, buscar nas reportagens sobre as outras escolas, curiosidades e informações, comparando as reportagens.

## **5. Considerações finais**

Após dois anos e meio, a equipe do “Repórter na Escola” observou que o trabalho com jornal em sala de aula pode ser desenvolvido com sucesso. Para tanto, acreditamos que algumas diretrizes devem ser seguidas. O trabalho com um veículo produzido especificamente para o público envolvido – e não somente um simples aproveitamento do encalhe do jornal diário, como é feito em alguns projetos de jornal na escola – torna-se mais rico, pois pode propiciar o reconhecimento do aluno como personagem da notícia. Para tanto, é importante para o aluno perceber que pode ser notícia de um jornal “de verdade”, ser entrevistado por um repórter.



Alguns depoimentos de alunos das quartas séries envolvidas no projeto mostraram a importância do aluno não só se tornar produtor da informação mas primeiro se tornar também fonte. A garota Talita Cristina dos Santos, da 4<sup>a</sup>. série B (ano 2001) da EMEB Gofredo da Silva Telles escreveu: “Um dia duas mulheres foram na minha classe com jornal. O nome é Repórter na Escola. Eu não achava legal mas eu vi elas distribuir o jornal e peguei o primeiro jornal. Mas eu estou vendo que é muito mais legal que eu pensava”. A menina acrescenta mais adiante o desejo de sua classe aparecer em sua reportagem: “eu nunca pensava que pudesse fazer parte de um jornal”.

Aliás, a idéia básica que norteou o projeto foi justamente essa: oferecer - em um primeiro momento - um jornal pronto, mas que falasse da escola, a fim de atrair o aluno para o mundo da Comunicação e do jornal impresso e, depois, incentivá-lo a produzir algo semelhante, oferecendo-lhe a capacitação para isso. Não haveria sentido - a nosso ver - propor logo de início a elaboração de um jornal por parte dos alunos da quarta série sem que eles nem mesmo tivessem contato com um jornal impresso. Algumas crianças, aliás, afirmaram que nunca antes haviam lido um jornal pois não dispõem de recursos para adquiri-los.

Desta forma, os alunos se envolveram bastante com o trabalho, chegando a modificar suas concepções sobre leitura de jornal. Mais do que aprender um assunto, puderam buscar significação no que era lido, estabelecendo um comprometimento com a sociedade e com a realidade que os cerca. Além das reflexões realizadas sobre os temas, também puderam ter um contato com o veículo jornal.

Outro ponto observado foi que, para incentivar a leitura e o gosto pelo jornal, não basta oferecê-lo como produto de consumo. Para isso, foi de fundamental importância a participação das estagiárias de Pedagogia no processo, discutindo e orientando a utilização do jornal.

Há, porém, várias dificuldades a serem superadas nessa aproximação de dois mundos que ainda são distintos: da Educação e da Comunicação. O professor não conhece o processo de trabalho do jornalista, muitas vezes quer acomodá-lo a horários burocráticos e visitas agendadas com antecedência, sem se dar conta do dinamismo da notícia. Acreditamos que só um processo de capacitação, de aprendizado do fazer da mídia pode amenizar o problema.

O mundo da escola ainda está muito preso a rotina administrativa rígidas, a programas e cronogramas pré-estabelecidos. Algumas professoras não queriam se engajar no projeto



porque “dava trabalho” ou “atrapalharia o cronograma”. Além da questão do horário em que estagiárias do curso de Pedagogia e professoras das quartas séries planejavam o trabalho. Ficou acordado - com a intermediação das coordenações - que seriam usados horários de HTPCs. Mas, de maneira geral, as professoras se envolveram com o projeto. Entretanto, o que se pode perceber é que qualquer projeto que chega às escolas com a chancela da Secretaria de Educação acaba, de alguma forma, visto como imposição. No caso do “Repórter na Escola”, a própria Secretaria de São Bernardo agiu de maneira bastante democrática, oferecendo a proposta somente àqueles que estivessem interessados. Mas, de toda a forma, o engajamento da direção e/ou da coordenação da escola não significa necessariamente o engajamento do professor em sala de aula.

Outro detalhe interessante foi o entendimento equivocado por parte das professoras em geral de que o trabalho com o jornal deva se dar somente na disciplina de língua portuguesa. Até mesmo na Universidade foi enfrentado esse problema nas fases iniciais do projeto, quando a coordenação de Letras reivindicou para o seu curso a participação no projeto julgando ser a área adequada para tal e colocando em dúvida a pertinência da participação e assessoria do curso de Pedagogia.

Para os estagiários envolvidos, tanto de Jornalismo quanto de Pedagogia, o trabalho pôde concretizar suas expectativas de que o jornal consiga ultrapassar o caráter informativo e tornar-se um instrumento pedagógico, pois não se prende a esquemas, e pode se flexibilizar de acordo com as perspectivas de cada grupo participante.

Jornalisticamente, tentou-se tratar as matérias com a linguagem mais simples possível, não deixando, porém, tomar as características da linguagem infantil, recheada de diminutivos. Mas é, sem dúvida, o grande desafio do jornalista: como escrever para a criança?

Na oficina de jornal realizada na EMEB Mattar Jorge, o retorno foi extremamente positivo. Simples crachás de papel com a identificação de repórter, fotógrafo ou diagramador deram aos alunos da terceira série um status de cidadão atuante dentro de seu espaço de convivência. Percorreram a escola, entrevistaram, tiraram fotos. Alunos apontados pela professora como problemáticos acabaram sendo os mais participativos, conseguindo extravasar uma energia que muitas vezes não tem espaço no trabalho de sala de aula. As reportagens assinadas pelos alunos fizeram não só de seus autores sujeitos “importantes” mas



também transformaram simbolicamente em acontecimentos marcantes os eventos realizados na escola durante o ano de 2002.

O projeto tem possibilitado observar que o jornal pode ter um uso pedagógico importante, seja transformando a escola em fonte de informação, seja tornando seus alunos produtores de notícias. As possibilidades são diversas: o jornal “para a escola” e o jornal elaborado “pela escola” podem se complementar ou se fundir. Não importa. Basta que estejam voltados para o sentido de estímulo à crítica, à reflexão e à cidadania.

## 6. Bibliografia

**AIDAR, Flávia.** O jornal como instrumento pedagógico. "Programa Folha Educação": uma proposta de leitura de jornal em sala de aula. *Revista Comunicação e Educação, ECA/USP, [2]: 123 a 126, jan./abr. de 1995.*

**FREINET, Celestin.** O jornal escolar. **Lisboa: Estampa, 1976.**

**IJUI, Jorge Kanehide.** Jornal escolar: inter-relação criativa. *Revista Comunicação e Educação, ECA/USP, [20]: 33 a 38, jan./abr. de 2001.*

**FARIA, Maria Alice.** O Jornal na sala de aula. **São Paulo: Editora Contexto, 1996.**

**KUNSCH, Margarida K.(org.)** Comunicação e Educação - caminhos cruzados. **S.Paulo: Loyola, 1986.**

**OLIVEIRA SOARES, Ismar de.** Gestão comunicativa e educação: caminhos da Educomunicação. *Revista Comunicação & Educação, São Paulo, (23): 16 a 25, jan/abr. 2002.)*